

**DOSSIÊ
JUVENTUDE E
ENCARCERAMENTO**





APRESENTAÇÃO

JUVENTUDE E ENCARCERAMENTO

A temática do encarceramento volta aos debates acadêmicos, desta vez qualificado pelas interfaces com a juventude, a negritude, o adolescente que comete ato infracional e a mulher.

Entre a narrativa atribuída ao século XIX, e os dados do encarceramento da juventude negra no Brasil apontados por Marlene Almeida de Ataíde, com destaque para o genocídio dessa parcela da população, como relatam Eli Torres, Carolina Oliveira e Osmar Torres, parece que não saímos do lugar.

As sucessivas tentativas de redução da idade penal do adolescente, tematizadas por Roberto da Silva e Márcio Masella, dão-nos evidências de que o tema do tratamento da delinquência juvenil, do ponto de vista da execução de políticas públicas, não somente parou no tempo, como também se fazem esforços ingentes para retroceder no tempo.

Gabriela Ormeno, Juliana Saito e Jose Fogo abordam sob nova perspectiva um velho problema, o direito à convivência familiar de filhos para com pais presos, agora sob a égide do conceito de práticas parentais. Se mesmo o conceito não é novo no âmbito da literatura internacional, pelo menos no Brasil nos ajuda a pensar fora do esquema adoção/abrigo/abandono sob o qual tradicionalmente tem sido abordada essa relação.

De Cuba – paradoxalmente estrangulado pelo embargo norte-americano no acesso aos serviços de telefonia, internet e alta tecnologia – surge algo que diz respeito ao debate contemporâneo que predomina sobre prisões no Brasil, que é o tema da educação prisional. A utilização de tecnologias EaD sempre esbarra no binômio segurança e disciplina, e nem o tema avança nem se testam novas perspectivas para sairmos da ridícula taxa de 12% de presos estudando em um país que já tem mais de 720 mil presos, a terceira maior população prisional do mundo.

A leitura desta edição é como a leitura de um drama em vários atos: a condição da infância desvalida, o Estado em permanente conflito com a adolescência, o genocídio da juventude negra, a juventude literalmente cavando seus espaços por meio da inclusão digital e tem seu epílogo no encarceramento da maternidade. Nesse drama verdadeiramente kafkiano, emerge a educação por meio da fala de Yhomara Martí González, que, nessa leitura transversal e interdisciplinar que recomendamos, constitui fator de resistência mesmo nas situações mais adversas.

Dossiês com tal carga dramática não são recomendáveis para leituras solitárias e introspectivas. São ótimos para rodas de conversas, para discussões coletivas, para socializar em salas de aulas e mobilizar pessoas na defesa de valores que dignifiquem a condição humana.

Roberto da Silva

Professor livre-docente do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação em Regimes de Privação da Liberdade (GEPÊPrivação).

Sueli Maria Pessagno Caro

Professora doutora do Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade de Americana. Participa dos grupos de pesquisa: História da Práxis Educativa Social e Comunitária (Hipe), Conhecimento e Análise das Intervenções na Práxis Educativa Sociocomunitária (Caipe) e Grupo de Pesquisa em Pedagogia Social da Universidade de São Paulo (USP).